

RELIGIOSIDADE E CULTURA NO IMPÉRIO NEOBABILÔNIO.

MACHADO, Cinara de Oliveira¹.

Resumo: Para este estudo os aspectos que nos interessam dizem respeito à cultura, à religiosidade e às representações de poder. Analisaremos o Império Neobabilônico através de sua capital Babilônia descrita por Heródoto na sua *Historia*, como grande centro de cultura, religiosidade e poder. Nesta *História* o autor nos oferece minuciosos relatos dos *habitus*, costumes e modos de fazer dos babilônios. E é a partir dessas imagens e das reflexões de Leick, Oppenheim e Roaf, que nos aproximamos daqueles horizontes de tradições e cultura.

Palavras-chave: Babilônia, cidade e cultura.

Ao se analisar as ruínas dos antigos impérios mesopotâmios e considerar os relatos de pessoas da época ou de arqueólogos e historiadores contemporâneos, vários questionamentos surgem em torno desses, que outrora foram, grandes centros mundiais. Neste estudo abordaremos as questões de religiosidade, cultura, cotidiano e suas representações de poder. Analisamos a importância e a prática destes aspectos na sociedade babilônica como um todo. Pois, é a partir destes elementos que nos aproximaremos da conformação do Império Neobabilônio, o mais importante centro do antigo oriente próximo àquele que derrotou o Império Assírio e o Egito, assim como foi o último grande centro independente da Mesopotâmia. Para contemplarmos este estudo satisfatoriamente analisaremos o Império Neobabilônio através de sua capital Babilônia, pois segundo Heródoto, esta neste período foi a principal cidade da Mesopotâmia e a qual a organização nenhuma se igualou. E cristalizou o maior legado da Mesopotâmia: a invenção da cidade. Podemos afirmar que a Babilônia foi, neste período, a maior cidade do mundo, assim como a primeira metrópole da Antigüidade. Só Roma, cinco séculos mais tarde a ultrapassou tanto em termos populacional quanto em território. Tanto no que diz respeito a sua extensão, quanto demografia.

¹ Graduanda do curso de História da Fundação Educacional de Divinópolis/ Universidade do Estado de Minas Gerais (Funedi/ UEMG). cinaradeoliveiramachado@yahoo.com.br

A cidade dos famosos “Jardins Suspensos” ou da citação bíblica Torre de Babel, situava-se em uma grande planície e tinha um perímetro urbano de quase 86 quilômetros quadrados. Suas histórias e maravilhas ganharam fama, ultrapassando o momento de esplendor do Império que construiu a cidade, tal período é denominado de Neobabilônio. O império Persa adotou a Babilônia como uma das mais importantes, senão a mais, do seu império. O renome da admirável cidade seduziu também Alexandre, O Grande. Tal monarca helenístico desejou transformá-la em sede de seu novo império, e esta foi um grande centro helenístico.

Como nas demais cidades da Mesopotâmia, a Babilônia era cercada por uma muralha, que de acordo com Heródoto tinha cinqüenta côvados reais de largura e duzentos de altura, ou seja, nas medidas atuais isto equivaleria à cerca de 100 metros de altura e 25 de largura. Este tamanho monumental nos espanta, não podemos dizer ao certo que eram estas as medidas, seja como for tanto as escavações arqueológicas, quanto a descrição de Heródoto nos informam que eram de dimensões extraordinárias. Além da muralha para proteger a bela cidade, havia também em toda sua volta um fosso fundo e largo cheio de água, ao longo da muralha havia cem portas de bronze maciço. “A cidade propriamente dita era cheia de casas de três ou quatro pavimentos; as ruas que a cortam retas”,² e o centro era um recinto religioso com áreas para visitantes e acomodações.

Em torno dos palácios e templos havia outra muralha também muito reforçada e com portas de bronze. Segundo o historiador Heródoto era no templo de Marduk que ficava a Torre de Babel, e ele nos informa como era tal monumento:

No centro do templo foi construída uma torre maciça, no topo desta torre foi construída outra, e no topo desta foi construída ainda outra, a assim sucessivamente até completar oito torres; a rampa de acesso foi construída externamente, em espiral em torno de todas as torres mais ou menos a meia altura há um patamar e bancos para repouso, onde se sentam as pessoas que sobem. Na última torre há um grande templo, e nesse templo há um grande

² Heródoto. I. 180.

leito com belos adornos. Nenhuma estátua de divindade foi posta naquele local, e nenhum dos mortais passa a noite lá, à exceção de uma mulher dos arredores – uma escolhida entre todas pelo deus...³

Mais do que uma descrição monumental, Heródoto nos proporciona minuciosos relatos dos *habitus*, dos costumes e da cultura dos babilônios. Pois como ele mesmo nos informa, havia na rampa de acesso locais de descanso para os que subiam, ou seja, existia entre os babilônios o habito de freqüentar o templo, assim como não era costume passar a noite nele. A única pessoa que poderia pernoitar no templo, segundo Heródoto, seria uma mulher escolhida pelo deus, uma vez que na última torre havia um enorme templo com um grande leito destinado à escolhida.

Heródoto também descreve importantes aspectos dos costumes e da cultura mesopotâmica que lhe chamaram a atenção. Dentre os costumes destacamos três: o primeiro deles segundo o julgamento de Heródoto era bastante indecoroso, tal prática consistia na obrigatoriedade de visitaçao ao templo de Milita por todas as mulheres da região uma vez na vida para ter relações sexuais com um estranho. Depois de ter relações sexuais com um desconhecido ela voltava para casa, pois tinha cumprido suas obrigações sagradas com a deusa, assim após tal ida ao templo, por mais dinheiro que lhe oferecesse não conseguiriam seduzir tais mulheres, uma vez que tal costume constituía numa obrigação sagrada e não numa prática de meretrício. A instituição que ele aponta como a mais sábia era a do casamento, na qual reunia-se em lugar público todas as moças em idade núbil, as mais belas eram vendidas por um alto valor e o dinheiro arrecadado com elas era utilizado como dote para os homens que se casavam com as menos belas, pela lei se o casamento fracassasse, o casal poderia se separar e o dinheiro do dote era devolvido. A Segunda instituição mais sábia era a do tratamento dispensado aos doentes, tal costume consistia na reunião e exposição destes doentes em praça pública afim de que receberem conselhos de quem já tivesse sido acometido pela mesma doença ou observado como um

³ Heródoto. I. 181.

doente se curou dela, era proibido passar pelo doente em silêncio, deveria ao menos perguntar-lhes qual era a sua doença.

Outra manifestação religiosa dos babilônios era o Festival de Ano Novo, esta comemoração durava onze dias e era dedicada a Marduk, o deus principal, o mais poderoso do panteão mesopotâmico e protetor da Babilônia. Nos primeiros cinco dias preparava-se as preces, os conjuros e o sacrifício de animais da cerimônia, além de talhar duas pequenas estátuas de madeira e as decorar com ouro e pedras preciosas. Em meio a estes preparativos, no final do quarto dia recitava-se o *Poema da Criação* das cidades: “*Todas as terras eram mar; então Eridu foi feita, Esagila foi construída; A cidade sagrada, a morada do prazer para os corações dos deuses*”. No quinto dia, no Templo de Marduk, era purificado o deus Nabu, que representado pela estátua, era trazido da cidade de Borsippa até a Babilônia pelo rei de Babil. Ao chegar a Esagila o rei era desprovido de sua espada, de seu cetro e das demais insígnias reais, para esbofeteado pelo sacerdote do Templo até cair diante de Marduk e jurar que não havia pecado nem descuidado do culto ao deus, além de sempre proteger e cuidar do bem-estar da Babilônia. Após estas confissões o sacerdote tranquilizava o rei, devolvia seus pertences e o esbofeteava mais uma vez. Se o rei chorasse era um bom presságio. As práticas dos demais dias são menos conhecidas, mas sabe-se que no sexto dia duas estátuas, feitas para esta ocasião, eram queimadas em frente a Nabu, depois disto às estátuas das outras cidades do Império chegavam a Babilônia. No nono dia o rei entrava no sepulcro de Marduk e “pegava na sua mão”, não se sabe ao certo em que este tirocínio significava, mas alguns estudiosos acreditam que era um casamento do rei com uma sacerdotisa representante de Marduk. Nos últimos dois dias havia no Templo do norte inúmeras oferendas a Marduk e um banquete para todos os deuses antes de voltarem as suas cidades. A população participava de todo o festival, no entanto era condição para que o festival acontecesse, era a obrigatoriedade da presença do rei.

Já os palácios babilônicos eram centros culturais e administrativos, “um palácio como sede de minha régia autoridade, um edifício para a administração de meu povo, um

lugar de união para a terra. Isso resume a função ideológica e representativa dos palácios mesopotâmios”.⁴ Nestes de acordo com Leick:

Havia amplos compartimentos de armazenagem em galerias subterrâneas que costumavam ser interpretadas como subestrutura dos “Jardins Suspensos”. As instalações internas do palácio eram apropriadamente luxuosas; as paredes eram revestidas de painéis de madeira com instruções de marfim e lápis-lazúli. Na sala do trono, as paredes eram vitrificadas com os mesmos ladrilhos azuis da Porta de Ishtar, com leões rompantes e palmeiras.⁵

Percebe-se então a importância que a cidade conota a si mesma, os templos e os palácios, os cais dos portos, as defesas internas e externas, os fossos, as pontes, as portas e as ruas da Babilônia eram construídos e decorados com estupendo esplendor e ostentação, com os mais caros e raros materiais como: ouro, prata, lápis-lazúli e madeiras de lei. Podemos ver em tal prática uma forma de registrar poder e magnificência daquele rei, e assim rivalizando-se tanto com os seus antecessores quanto desafiando os seus sucessores a lhes superar. Outro aspecto importante destas construções monumentais era o caráter de inspirar e impor temor e admiração tanto entre os habitantes do império quanto aos governantes estrangeiros que iam à cidade prestar homenagem e fidelidade ao rei. Pois segundo Munford Lewis:

Nenhuma despesa era poupada para criar templos e palácios, cujo o simples volume e elevação dominariam o resto da cidade. As pesadas paredes de argila bem cozida ou de sólida pedra davam as efêmeras funções do Estado a certeza de estabilidade e segurança, de poder ininterrupto e de autoridade inabalável. O que hoje chamamos de “arquitetura monumental” é, antes de tudo, a expressão do poder, e este poder exhibe-se na reunião de arte, bem como num domínio de todos os estilos de acessórios sagrados, grandes leões, touros e

⁴ Gwendolyn Leick. *Mesopotâmia a invenção da cidade*. 285.

⁵ Idem. 285.

águias, com cujas poderosas virtudes o chefe do Estado identifica suas próprias capacidades mais frágeis. A finalidade dessa arte é produzir terror respeitoso...⁶

Durante o reinado de Nabucodonossor os recursos tornaram-se ilimitados tanto em riqueza quanto em materiais, havia também mão-de-obra qualificada e não qualificada, portanto a Babilônia tornou-se um dos mais importantes centros urbanos, culturais do mundo antigo, para lá convergiam produtos, riquezas e pessoas das mais variadas regiões, a antiga Babilônia impressiona também pelo seu importante papel no que se refere às trocas e encontros de culturas ali estabelecidos, por estes motivos ela pode ser considerada a primeira metrópole da Antigüidade. O manual da nova cidade, construída por este rei, ainda estão preservados em cinco plaquetas que diz:

Babilônia, a criação de Enlil, Babilônia, que segura a vida na terra,
Babilônia, cidade de abundância,
Babilônia, cidade cujos cidadãos acumulam riquezas,
Babilônia, cidade de festividades, alegrias e danças,
Babilônia, a cidade cujos cidadãos celebram sem cessar,
Babilônia, cidade privilegiada que liberta os cativos,
Babilônia, a cidade pura.⁷

Nabucodonossor possuía uma enorme paixão por monumentalidade, por isso, inseriu várias plaquetas comemorativas em suas construções com o objetivo de ser identificado e para isso escolheu um material não perecível. Verificou-se que seu objetivo foi alcançado, pois milênios depois de sua morte temos acesso a essas obras, assim como tais materiais ainda são usados, principalmente pelas possibilidades artísticas. De acordo com Leick:

⁶ Munford Lewis. *A cidades na História*. p.92

⁷ Gwendolyn Leick. *Mesopotâmia a invenção da cidade*.283

A última dinastia autóctone conseguiu perpetuar sua versão da cidade no futuro. Nabucodonossor dispôs-se a construir uma cidade compatível com o status da Babilônia como uma potência internacional, como vencedora da Assíria e do Egito, então a única metrópole do mundo, mas também uma cidade antiga e venerável tradição cultural, que contava com a ciência mais avançada e as artes mais refinadas. Não perdeu nenhuma oportunidade de exibir sua riqueza, com usou verificar conspícuo de materiais religiosos, mas isso foi feito até certo ponto para enfatizar a superioridade mais cultural do que marcial da Babilônia, como herdeira da mais antiga civilização de mundo⁸.

Após a morte de Nabucodonossor em 562, a Babilônia ainda foi governada por dois reis autóctones. O último deles foi Nabônido, este foi um alto funcionário durante o reinado Neriglissar, que era genro de Nabucodonossor. Nabônio enfrentou várias rebeliões de longas durações fora da cidade. E isso fez com que inúmeros festivais e ritos comandados por ele fossem desmarcados, dentre eles o Festival do Ano Novo, e que a própria administração da cidade se perturbasse, mesmo com a administração dos demais funcionários o trabalho principal e tradicional eram realizados pelo rei.

Com o constante distanciamento de Nabônio, a cidade se fragilizou e ficou sem defesas, pois era obrigação do rei proteger seus súditos do mal e para isso ele deveria permanecer na cidade. Por este motivo a Babilônia foi facilmente conquistada pelos persas, quando Ciro II chegou às portas da cidade não houve resistência e assim foi o fim da independência babilônia. Os persas comandaram a Babilônia até a invasão de Alexandre. Após sua morte a Babilônia passou ao comando de Seleuco I, este último foi um importante general de Alexandre. Apesar de todas as invasões os Babilônios mantiveram muitas de suas tradições, como por exemplo, o Festival de Ano Novo. O processo de desocupação da cidade ocorreu no período sassânida, e em finais do século V da era cristã, somente pequenas partes da cidade continuava a ser habitada. Assim, a

⁸Gwendolyn Leick. *Mesopotâmia a invenção da cidade*. 287.

Babilônia foi desaparecendo sob os montes de areia e sua memória foi legada a uma nova era e uma nova civilização.

Referências Bibliográficas:

HERÓDOTO. *História*. Intr e trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

LEICK, Gwendolyn. *Mesopotâmia: a invenção da cidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

OPPENHEIM, A. Leo. *Ancient Mesopotâmia: portrait of a dead civilization*. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.

ROAF, Michael. *Mesopotâmia e o Antigo Médio Oriente*. Volumes I e II. Madri: Edições Del Prado, 1996